



Conselho Regional  
de Serviço Social / RJ  
www.cressrj.org.br

# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80  
ANOS  
SERVIÇO  
SOCIAL  
NO BRASIL

**HÁ CARÊNCIA DE REFLEXÃO SOBRE O EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL?**

**João Rafael da Conceição**

**Reflexão teórica**

**EIXO III: SERVIÇO SOCIAL, FUNDAMENTOS, FORMAÇÃO E TRABALHO  
PROFISSIONAL  
TEMA: TRABALHO PROFISSIONAL**

Graduando, 11º período, em Serviço Social, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

(21) 9.9660-5618

[jonh.unirio@gmail.com](mailto:jonh.unirio@gmail.com)

## HÁ CARÊNCIA DE REFLEXÃO SOBRE O EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL?

**RESUMO:** O presente trabalho buscará tornar evidente o implícito: o desconhecimento por parcela das assistentes sociais da dimensão teórico-metodológica do Serviço Social em sua complexidade, em sua essência, desencadeando um processo laborativo totalmente carente de reflexão.

**Palavras-chave:** Reflexão, teoria, prática, Serviço Social.

**ABSTRACT:** This study will make clear the implicit: the lack of social workers per plot of theoretical and methodological dimension of social work in its complexity, in its essence, triggering a process employees' totally lacking in reflection.

**Keywords:** reflection, theory, practice, social work.

### INTRODUÇÃO

Longe de exaurir qualquer problemática, este trabalho delineará que é necessário conhecer os aportes teóricos solidamente, compreender o papel de cada dimensão da prática profissional e estabelecer ações interventivas, baseada em tais substratos teóricos, que apontem os fins e os meios para alcançá-los, configurando a passagem da teoria à prática, no que tange ao exercício profissional em Serviço Social, superando a carência de reflexão sobre a mesma.

### O PROBLEMA

Segundo Netto (1996), as transformações societárias decorrente da agenda neoliberal (a ordem tardo-burguesa) implicam uma série de dilemas a profissão, tais como: i) a conjuntura social e política adversa para manutenção do projeto ético-político hegemônico e, em decorrência, a ampliação da heterogeneidade de projetos profissionais no interior da categoria; ii) a necessidade, por parte do mercado de trabalho, de profissionais que respondam as demandas imediatas postas ao seu âmbito de intervenção institucional; iii) o aparecimento de “novas” e a redução de algumas demandas de atividades antes significativas; iv) a intensificação da linha tênue do exercício profissional com outras categorias; e v) uma ampla segmentação dos espaços sócio-ocupacionais.

O que torna ainda mais problemático esses dilemas é a discrepância entre profissionais “de campo” e as vanguardas acadêmicas, uma vez que a larga produção acadêmica não é socializada aos espaços sócio-ocupacionais na mesma proporção em que são produzidas e tampouco os profissionais “de campo” socializam suas experiências. Não

cabe aqui tratar de cada um dos dilemas supracitados; atender-nos-emos ao segundo, pois, sobretudo, deste decorre a assertiva que “na prática a teoria é outra”.

Em primeiro lugar, o mercado de trabalho, a própria prática, impõe que a “teoria esteja condicionada exclusivamente à sua capacidade de responder imediatamente à realidade” (GUERRA e FORTI, 2011, p.6), processo denominado de pragmatismo. Assim, a teoria fica subordinada a utilidade, compreendendo a intervenção como algo plenamente subjetivo, individual (não sob a ótica do condicionamento da estrutura social e das alternativas concretas apresentadas) e o sujeito conforma-se, de tal modo, com as demandas postas que aceita-as sem procurar desvendar suas essências (SANTOS, 2011), sem ao menos inquietar-se com tais.

Desta forma, as teorias de caráter macroscópicas sobre a sociedade entram em xeque, dificultando uma

“apreensão tanto dos elementos estruturais quanto dos conjunturais, das peculiaridades de seus nexos com a totalidade, das relações entre os vários elementos que compõem a realidade em que estamos inseridos e na qual pretendemos atuar profissionalmente” (GUERRA e FORTI, 2011, p.3).

Em decorrência, a teoria que não servir para justificar a realidade e/ou não viabilizar respostas às demandas imediatas é inútil, inoperante e impotente (*idem*, p.6), reiterando a assertiva de que “na prática a teoria é outra”.

Diante disso, Santos (2011, p.13) elenca três entendimentos que, no caso do Serviço Social, ressaltam a afirmação supracitada, sendo eles: i) a teoria tem que se transformar em prática; ii) a prática sobrepõe a teoria; e iii) que a teoria marxista não instrumentaliza para a intervenção profissional.

Todas as três compreensões transmitem sérios equívocos: a primeira supõe que uma teoria crítica deva imediatamente transforma-se em prática crítica; a segunda impõe o pragmatismo; e a terceira evidencia totalmente o equívoco da apreensão do método materialista histórico-dialético.

No ensaio de Santos (2011), ela apresenta uma síntese do que seria o materialismo histórico-dialético:

Materialismo porque parte do pressuposto de que a realidade é anterior ao pensamento, a matéria precede o conceito, ela existe antes de existir um pensamento sobre ela. Dialético porque parte de uma explicação do Ser em todas as suas modalidades, como uma totalidade em permanente movimento. Histórico, num duplo sentido: primeiro porque essa explicação é específica à sociedade, à história e à cultura, ou seja, ao ser social; segundo porque toma o objeto como um componente do processo histórico, isto é, os indivíduos são um produto social, a sociedade muda, as ideias mudam (2011, p.17).

Em suma, podemos afirmar que a prática existe antes de uma teoria para conhecê-la e explicá-la, que é um conjunto de objetivações que regem as ações do ser social na realidade, as quais, ao mesmo tempo, sofrem suas intervenções, em um nítido movimento recíproco de criação de si mesmo. Ou seja, “não se trata de uma prática como atividade do Espírito, mas de uma prática material, que se traduz na concepção de que a transformação da natureza pelo homem – o trabalho – é condição necessária da transformação do homem” (*idem*, p.16). Enquanto a teoria é o movimento de desvelar a essência da prática, estando incumbida de apontar os processos objetivos que regem à exploração e à dominação e aqueles que podem conduzir à liberdade e à emancipação humana (CHAUÍ, 1980 *apud* SANTOS, 2011, p.28).

“No caso de uma prática profissional como a do Serviço Social, a teoria permite que o sujeito – o assistente social – apreenda seu objeto de ação, seu movimento, sua direção, suas contradições” (SANTOS, 2011, p.28). Desta forma, na prática a teoria só pode ser a mesma (uma unidade de diversos) se o sujeito da ação não se limitar aos requisitos do mercado e não restringir sua ação laborativa ao “arsenal de técnicas” da profissão, entendendo, também, que é inerente ao exercício profissional o constante aprimoramento intelectual (GUERRA e FORTI, 2011).

“Assim, o conhecimento não é só um *verniz* que se sobrepõe superficialmente à prática profissional, podendo ser dispensado; mas é um meio pelo qual é possível decifrar a realidade e clarear a condução do trabalho a ser realizado” (IAMAMOTO, 2011, p.63). Nestas linhas, toda apreensão durante o processo formativo do profissional no que tange ao conjunto de conhecimentos e habilidades são parte do acervo dos meios de trabalho (*idem*, p.63).

Em segundo instante, nada impede de o profissional atender imediatamente uma demanda. Todavia, deve-se observar, na verdade, quais são todos os anseios dos usuários, as demandas da instituição empregadora e a conjuntura histórica em que se circunscreve o exercício profissional. E a partir dessa análise estabelecer as finalidades *subjetivas*, escolher os meios (instrumentos e técnicas; conhecimentos, em geral) necessários para alcançar tais fins e ter a consciência que o produto concreto deste processo não será exatamente como o produto idealizado, aproveitando-se da autonomia ética e técnica para a ação profissional.

É necessário reconhecer que é intrínseca da dinâmica do mercado de trabalho a sua alteração acelerada, enquanto o processo de formação não acompanha essas alterações, dada a sua própria característica de ser concebido após a experiência empírica; existindo, assim, necessariamente, uma assimetria entre formação profissional e mercado de trabalho. O lastro dessa assimetria *aparenta* se ampliar quando há a escolha de uma teoria e de valores condizentes com proposições que defendam a liberdade, a democracia plena, os valores fundamentais do trabalho e a universalidade, caracterizando-se como teoria contra-hegemônica.

Nestas linhas, o profissional em Serviço Social necessita interpretar a realidade concreta sabendo dos limites que ela impõe em valores que não contribuem para sua perpetuação, o que implica em limitação dos meios para o exercício profissional. Essa situação se agrava quando Cláudia Mônica dos Santos, em seu livro *Na prática a teoria é outra*, destaca - fazendo analogia entre dois estudos, realizados com lapso temporal de pouco mais de duas décadas - que a ausência de finalidade subjetiva dos assistentes sociais desencadeia um exercício profissional cujas ações são fragmentadas, pontuais e sem planejamento, uma vez que recorrem às finalidades da obra, aos objetivos das instituições empregadoras (portanto, fins exteriores ao agente da ação, ao profissional).

Neste caso, o problema do exercício profissional circunscrever-se-ia no processo de formação profissional em face às condições precárias de desenvolvimento de uma educação emancipadora (ou seja, das condições objetivas) e da capacidade singular do sujeito de abrir mão de valores hegemônicos (ou seja, da condição subjetiva) e de mediar ontológica e reflexivamente esses motes, transformando-os em duas faces da mesma moeda. Como essa transposição não é automática, afirma-se que “na prática a teoria é outra”.

Se considerarmos que a tese apresentada está apropriada pelo materialismo histórico-dialético, o que apresentar para os profissionais “de campo” que reclamam meios de trabalho para suas intervenções socioinstitucionais?

## **A POSSIBILIDADE DA RESOLUÇÃO DO PROBLEMA**

Para Santos (2011), a problemática ora apresentada estaria vinculada a dimensão técnica-operativa da profissão por ter auferida pouca atenção no processo de produção de conhecimento, deixando uma lacuna histórica a ser preenchida. Para ela, a resolução estaria na construção de subsídios técnicos para os instrumentos que a profissão se utiliza no exercício da profissão: entrevistas, relatórios, laudos, pareceres, visitas domiciliares, reuniões, encaminhamentos, etc.

Todavia, a redução da prática profissional a dimensão instrumental incorre no equívoco do tecnicismo, herança intelectual e cultural das protoformas da profissão. Porém, é de conhecimento geral a reclamação de meios de trabalho que imprimissem ao exercício profissional qualitativo status crítico.

Para tanto, o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Ney Luiz Teixeira de Almeida, em seu ensaio *Retomando a Temática da “Sistematização da Prática” em Serviço Social*, aponta múltiplos avanços na abordagem do exercício profissional interfaceando com o método de análise proposto por Marx.

Assim, o professor indicará serem necessários para tal exercício três pressupostos, estando eles imbricados, a saber: i) a compreensão da concepção de profissão que se propõe

a sistematização; ii) a definição de uma direção teórica, política e ética; e iii) a verificação preliminar que tal procedimento demarca o próprio trabalho coletivo em que se insere a reflexão.

O Centro Latino Americano de Trabalho Social (CELATS) confere o significado de sistematização o processo de organização teórico-metodológico e técnico-instrumental da ação profissional de Serviço Social (ALMEIDA, 2006, p.3), um processo de geração de dados e informações, organizados e analisados sob uma ótica crítica-investigativa. Sendo assim, a “sistematização da prática” recobra ao profissional a sua dimensão intelectual, uma vez que põe em movimento uma reflexão teórica sobre a dinâmica da ação profissional.

Desta forma, a “sistematização da prática” desborda a centralidade em que Santos (2011) pretende direcionar a dimensão técnica-instrumental, uma vez que

Trata-se, na verdade, de um esforço crítico, de natureza teórica, sobre a condução da atividade profissional, constituindo-se como um esforço problematizador sobre suas diferentes dimensões em relação às expressões cotidianas da realidade social, mediatizadas pelas políticas sociais, pelos movimentos sociais, pela forma de organização do trabalho coletivo nas instituições e, sobretudo, nas disputas societárias (ALMEIDA, 2006, p.4-5).

Os influxos da “sistematização da prática” podem ser diversos: implica uma “reflexão sobre alguma dimensão da atividade profissional favorecendo um reordenamento desta experiência” (*idem*, p.5); contribui no processo de autonomia da profissão dentro da instituição e mesmo fora desta – colaborando para a visibilidade social e institucional da profissão –; e supera uma lacuna histórica da profissão: a ausência de socialização das experiências profissionais.

Outro método interessante seria a “prática reflexiva” que Vasconcelos (1997) sugere. Uma leitura atenta do ensaio de Vasconcelos demonstra que a mesma realizou com profundo afincamento a “sistematização da prática” que Almeida (2006) propunha. No entanto, se a realização do exercício profissional se *limitar metodicamente* a proposta da autora implicará em um processo anti-dialético, uma vez que a dialética entende a realidade como dinâmica, em constante transformação.

Ainda sim, vale resgatar os nove temas que Vasconcelos sistematizou de seu exercício profissional após anos de prática: 1) atenção ao contrato de trabalho, ou seja, no primeiro contato com a população atendida, o profissional deve ter cuidado de se apresentar à população e apresentar a instituição; 2) elaboração de perguntas formuladas a partir do material comunicado pelos usuários; 3) devolução das perguntas que são dirigidas ao profissional; 4) repetição de comunicações para o grupo ou para a própria pessoa ouvir o que disse; 5) sumarização e devolução das diversas situações e questões; 6) uso de analogias entre diferentes situações e decomposição de uma questão em partes; 7) socialização de

informações; 8) sinalização das contradições presentes e a partir delas estabelecer relações do particular para o geral; e 9) compreensão do significado do silêncio que permeiam o processo.

Diante da exposição, reconhece-se a necessidade de um profissional que seja crítico diante dos fenômenos sociais e, para tanto, estaria calcado na teoria marxiana (e marxista) e que consista competente e criativamente nas resoluções às demandas dos usuários conforme suas necessidades dentro dos limites impostos pela precarização do trabalho, desbordando sua ação interventiva da mera executividade, burocracia, subalternidade e paliatividade tão funcional a ordem burguesa, compreendendo que a prática profissional está alicerçada em três motes: o teórico-metodológico, o ético-político e o técnico-operativo de forma a conceber os fenômenos sociais para além dos signos, desvelando substancialmente, desta forma, a realidade social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aquilo que era implícito torna-se evidente: o desconhecimento da dimensão teórico-metodológica em sua complexidade, em sua essência (referimo-nos a tradição marxiana e marxista), desencadeando um processo laborativo totalmente carente de reflexão.

A assertiva que na prática a teoria é outra resume uma qualificação profissional equivocada e despojada de fundamentação crítica-dialética, inserindo o sujeito em um processo errôneo onde os meios justificam os fins. Quando, na verdade, os assistentes sociais sequer conhecem/estabelecem seus fins, não observam a dinâmica da realidade concreta e não instituem uma relação de mediação entre as contradições existentes, impossibilitando uma utilização das técnicas e instrumentos do Serviço Social para uma prática profissional que garanta a expansão das capacidades humanas factualmente.

Podemos traduzir o ensaio, em linhas gerais, na urgência de o assistente social planejar idealmente a intervenção profissional antes de sua objetivação voltada para um determinado fim (capacidade teleológica do ser social), escolhendo os instrumentos e técnicas (meios de trabalho) para mediar o sujeito (o assistente social, a força de trabalho) e o objeto que incidirá a ação profissional (as expressões da "Questão Social"), alcançando o produto do trabalho: *a reprodução das relações sociais* (é da natureza da profissão essa reprodução; outros produtos podem ser produzidos também, como o usuário ter acesso, por via da viabilização de direitos, a educação, a habitação, etc., mas essencialmente reproduz-se a forma de sociabilidade correspondente ao capitalismo).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. *Retomando a Temática da “Sistematização da Prática” em Serviço Social*. In: In: BRAVO, Maria Inês, MOTA, Ana Elisabete, TEIXEIRA, Marlene *et al.* (orgs.). **Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional**. São Paulo: Cortez, 2006.

GUERRA, Yolanda e FORTI, Valeria. *Na prática a teoria é outra?* In: FORTI, Valeria e GUERRA, Yolanda. **Serviço Social: temas, textos e contextos**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *A prática como trabalho e a inserção do Assistente Social em processos de trabalho*. In: IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 21ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. *Transformações Societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil*. In: **Serviço Social & Sociedade Nº 50**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Claudia Mônica dos e NORONHA, Karine. *O Estado da Arte sobre os Instrumentos e Técnicas na Intervenção Profissional do Assistente Social – Uma Perspectiva Crítica*. In: FORTI, Valeria e GUERRA, Yolanda. **Serviço Social: temas, textos e contextos**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

SANTOS, Claudia Mônica dos. **Na Prática a Teoria é Outra? Mitos e Dilemas na Relação entre Teoria, Prática, Instrumentos e Técnicas no Serviço Social**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

VASCONCELOS, Ana Maria. *Serviço Social e Prática Reflexiva*. In: **Revista Em Pauta**. Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Nº10, p.131-181. Rio de Janeiro, 1997.